

NORA ROBERTS

LEVADO PELO MAR

LIVRO UM DA SAGA DA BAÍA DE CHESAPEAKE



Caro Leitor,

Gosto de homens. Ainda bem que assim é, uma vez que tenho quatro irmãos mais velhos. Cresci em desvantagem e depois tive dois filhos e continuei em minoria. Tive de optar entre gostar deles, apreciá-los e fazer o melhor por os compreender, ou desatar a fugir aos gritos.

Gosto de escrever sobre homens — as suas mentes, corações, esperanças e sonhos. Gosto particularmente de explorar a dinâmica entre os homens: irmãos, pais e filhos, amigos. Por isso, pareceu-me natural mergulhar neste tipo de relacionamentos e criar uma série.

Cameron, Ethan e Phillip eram todos jovens rapazes problemáticos, que foram adoptados em períodos difíceis das suas vidas por Raymond e Stella Quinn. Não partilhavam o mesmo sangue, mas tornaram-se numa família. Em Levado pelo Mar, a história de Cameron, a família enfrenta a tragédia e o escândalo, de tal forma que as suas vidas nunca mais serão as mesmas. Cameron leva a vida irresponsável de um temerário, desde que deixou a calma comunidade da Costa Leste de Maryland, onde Ray e Stella o educaram, juntamente com os irmãos. Gosta de barcos rápidos,

carros velozes e de mulheres que não perdem tempo. Agora, sentiu o chamamento de casa, não só para se despedir do único pai que alguma vez amou, mas também para enfrentar o desafio de cuidar do último rapaz perdido que Ray insistiu em resgatar.

Quem é Seth, o rapazinho matreiro que Ray, moribundo, pediu que os filhos protegessem? Para descobrir, e para cumprir a promessa, Cameron vai ter de relegar para segundo plano a vida que escolheu. Terá de lidar com uma certa assistente social, sensual, que está tão determinada quanto ele em dar a Seth o lar que merece. Anna Spinelli é uma mulher cheia de surpresas e desafios. Espero que gostem dos Quinn, homens que estão dispostos a lutar para cumprir uma promessa.

Nora Roberts

**PARA MARY BLAYNEY,
DE CORAÇÃO QUENTE E GENEROSO**

PRÓLOGO

Cameron Quinn não estava bem bêbedo. Se quisesse, conseguia lá chegar, mas por agora preferia o torpor confortável e simpático da aproximação. Gostava de pensar que a única coisa que o mantinha inteiro era a sorte de estar sempre dois passos atrás do desmazelo.

Acreditava piamente nas oscilações da sorte e, agora, a dele fluía bastante rápida e quente. Ainda no dia anterior, competira com o barco e saíra vitorioso no campeonato mundial, rompendo a recta da meta com a extremidade da proa e quebrando o recorde actual de tempo e velocidade.

Conquistara a glória e o dinheiro fáceis, partira com ambos para Monte Carlo, para ver como é que as coisas corriam. Acabaram por correr muito bem.

Umás jogadas de bacará, algumas investidas aos dados, uma carta virada e a carteira já lhe parecia mais pesada. Entre os *paparazzi* e um jornalista da *Sports Illustrated*, a glória não revelava sinais de esmorecer.

A fortuna continuava a sorrir-lhe — não, sem segundas intenções, pensava Cameron — por o colocar naquela jóia do Mediterrâneo, ao mesmo tempo que aquela revista tão popular realizava a sessão fotográfica da edição em fatos de banho.

E a maravilha dotada com um par de pernas digno de Deus voltara para ele os seus olhos azuis cor de Verão, esbo-

çando nos lábios carnudos um convite que um cego haveria de perceber, o que o obrigou a ficar mais alguns dias.

E ela tornara claro que, com muito pouco esforço, ele podia ser ainda mais sortudo.

Champanhe, casinos generosos, sexo fácil e sem compromisso. Claro que sim, pensava Cameron, divertido, a sorte estava definitivamente do seu lado.

Quando saíram do casino, penetrando na noite balsâmica de Março, um dos *paparazzi* saltou-lhes em cima, tirando fotografias de forma frenética. A mulher fez beicinho — afinal de contas, essa era a sua imagem de marca — mas, num gesto astuto, lançou para trás as suas intermináveis melenas de cabelo louro platinado repletas de laços, movimentando o corpo fatal de forma experiente. O vestido vermelho cor de pecado, quase tão fino como uma camada de tinta, detinha-se abruptamente mesmo a sul das Portas do Paraíso.

Cameron limitava-se a sorrir.

— São cá uma praga, — comentou ela, com um rasto de ceceio ou de sotaque francês. Cameron nunca tinha a certeza qual dos dois era. Ela suspirou, testando a robustez daquela seda fina, para deixar que Cameron a guiasse pela rua iluminada pela Lua. — Para todos os lados que olho, vejo uma máquina fotográfica. Estou tão farta de ser vista como um objecto de prazer dos homens.

Oh, sim, claro, pensava ele. E porque achava que os dois primavam pela superficialidade típica de um ribeiro após uma seca extrema, riu-se e tomou-a nos braços. — Porque é que não lhes damos algo para encher a primeira página, querida?

Desceu a boca até à dela. O seu sabor atiçou-lhe as hormonas, envolvendo-lhe a imaginação, levando-o a bendizer o hotel que ficava apenas a dois quarteirões dali.

Ela deslizou os dedos pelo cabelo dele. Gostava de um homem de cabelo farto, e o dele era forte e espesso, negro como a noite que os envolvia. Tinha o corpo duro, todo musculado e seco, esculpido em linhas disciplinadas. Ela era muito selectiva com o corpo de um potencial amante, e o corpo dele ajustava-se em grande medida aos seus severos requisitos.

As mãos dele eram um pouco mais rudes do que gostaria. Não era a pressão nem a forma como se moviam — isso era adorável — mas a textura. Eram as mãos de um trabalhador, mas ela estava disposta a relegar a sua falta de classe em prol da sua destreza.

Ele tinha um rosto intrigante. Não era belo. Ela nunca se juntaria, muito menos permitiria que a fotografassem, com um homem mais belo do que ela. Havia uma dureza no seu rosto, uma firmeza que ia para além da pele bronzeada, lisa sobre os ossos. Eram os seus olhos, pensava ela, enquanto ria suavemente, despreocupada. Eram cinzentos, mais da cor do sílex do que do fumo, e guardavam segredos.

Gostava de um homem com segredos, uma vez que nenhum deles resistia muito tempo a contar-lhos.

— És um menino traquinas, Cameron. — O sotaque sentiu-se na última sílaba. Bateu com um dedo na boca dele, uma boca que não ostentava nenhuma espécie de suavidade.

— É o que me dizem sempre... — Teve de pensar por instantes, ao sentir que o nome dela lhe fugia pelos cantos da mente. — Martine.

— Esta noite, talvez te deixe ser traquinas.

— Estou a contar com isso, docinho. — Virou-se na direcção do hotel, lançando um olhar furtivo. A dois metros de distância, era como se ela estivesse colada a ele. — Na minha suite ou na tua?

— Na tua. — Respondeu ela, ronronando. — Se man-

dares vir outra garrafa de champanhe, talvez te deixe tentar seduzires-me.

Cameron ergueu o sobrolho, pedindo a chave na recepção. — Quero uma garrafa de Cristal, duas taças e uma rosa vermelha, — disse ao empregado, mantendo o olhar fixo em Martine. — Imediatamente.

— Sim, *Monsieur Quinn*, eu trato disso.

— Uma rosa. — Ela flutuou na direcção dele, ao dirigirem-se para o elevador. — Que romântico.

— Oh, também querias uma? — O sorriso confuso que ela lhe lançara revelou que o humor não devia ser o seu forte. Seria melhor esquecerem as gargalhadas e a conversa, decidiu ele, e irem directos ao assunto.

Assim que as portas do elevador os encerraram lá dentro, ele puxou-a para si e mergulhou naquela boca sedosa. Estava esfomeado. Andara demasiado ocupado, demasiado concentrado no barco, demasiado envolvido na corrida para desfrutar de umas horas recreativas. Ansiava por pele macia, pele fragrante, curvas, curvas generosas. Uma mulher, qualquer mulher, desde que fosse solícita, experiente e conhecesse os limites.

Isso fazia de Martine perfeita.

Ela soltou um gemido que não era de todo simulado, arqueando em seguida o pescoço para que os dentes dele mordissem. — És rápido.

Ele deslizou as mãos pela seda, subindo-as de novo. — É assim que gosto de viver. Depressa. Sempre. Em todas as ocasiões.

Ainda abraçando-a, com uma reviravolta, saiu do elevador, descendo o corredor até ao quarto. O coração dela batia com força de encontro ao dele, a respiração ofegante, as mãos... bom, ele imaginava que ela sabia bem o que fazia com elas.

Lá se ia a sedução.

Destrancou a porta, abrindo-a com um empurrão, para a fechar e encurralar Martine de encontro a ela. Puxou as alças duplas sustentadas nos ombros e, com o olhar no dela, serviu-se daqueles seios magníficos.

Decidiu que o cirurgião plástico dela merecia uma medalha.

— Queres que vá mais devagar?

Sim, as mãos dele tinham uma textura rude, mas, por Deus, eram excitantes. Ela levantou uma perna quilométrica, enrolando-a à cintura dele. Teve de a apertar com força para se conseguir equilibrar. — Quero que seja agora.

— Que bom. Eu também. — Passou a mão por baixo da amostra de saia que ela usava e rasgou a renda que ocultava. Ela abriu muito os olhos, acelerando a respiração.

— Animal. Besta. — E cerrou os dentes no pescoço dele.

Ao mesmo tempo que tentava chegar-lhe à braguilha, ouviu alguém bater à porta discretamente, atrás da sua cabeça. Cada miligrama de sangue dele havia afluído para a zona por baixo do cinto. — Cristo, o serviço de quartos não pode ser tão bom. Deixe ficar aí fora, — exigiu ele, preparando-se para possuir a magnífica Martine de encontro à porta.

— *Monsieur Quinn*, lamento incomodar. Acaba de chegar um faxe para si. Vem assinalado como urgente.

— Diz-lhe que desapareça. — Martine entrelaçara a mão à volta dele, como uma lapa. — Diz-lhe que vá para o inferno e come-me.

— Espere. Quero dizer, — continuou ele, desenlaçando-lhe os dedos, antes que os seus olhares se cruzassem. — Espere só um minuto. — Mudou a posição dela atrás da porta, levando alguns segundos a certificar-se que tinha o fecho das calças apertado, e depois abriu-a.

— Lamento incomodar...

— Não há problema. Obrigado. — Cameron enfiou a mão no bolso à procura de uma nota, sem se incomodar em confirmar o valor, trocando-a pelo envelope. Antes que o empregado conseguisse balbuciar algo sobre o valor da gorjeta, Cameron já lhe fechava a porta na cara.

Martine voltou a atirar a cabeça para trás, no gesto habitual. — Estás mais interessado na porcaria do faxe do que em mim. Do que nisto. — Com a mão hábil, puxou o vestido para baixo, soltando-o como uma cobra que muda de pele.

Cameron decidiu que não importava o quanto ela tinha pago por aquele corpo, o certo é que valia cada cêntimo. — Não, acredita em mim, querida, não estou nada. É só um segundo. — Abriu o envelope com um rasgão, antes de ceder à ânsia de o amassar numa bola de papel, de o atirar por cima do ombro e de mergulhar de cabeça naquela mulher gloriosa.

Depois, leu a mensagem e o seu mundo, a sua vida, o seu coração pararam.

— Oh, Jesus. Raios partam. — Todo o vinho que consumira alegremente no decorrer da noite marejava levemente na sua cabeça, dando voltas ao estômago, transformando-lhe os joelhos em água. Teve de se encostar à porta para se equilibrar, antes de voltar a ler.

Bolas, Cam, porque é que não devolves nenhuma chamada? Há horas que tentamos entrar em contacto contigo. O pai está no hospital. É grave, pior não pode ser. Não há tempo para pormenores. Estamos a perdê-lo rapidamente. Vem depressa. Phillip.

Cameron levantou a mão — a que segurara o volante de dezenas de barcos, aviões, carros de corrida, que podia provocar numa mulher arrepios celestiais. E essa mão tremia, ao passá-la pelo cabelo.

— Tenho de ir para casa.

— Já estás em casa. — Martine decidira dar-lhe outra hipótese e avançou para roçar o corpo no dele.

— Não, tenho de ir. — Afastou-a para o lado e dirigiu-se para o telefone. — Tens de te ir embora. Preciso de fazer uns telefonemas.

— Achas que me podes mandar embora?

— Desculpa. Fica para a próxima. — Não conseguia aquietar a mente. Num gesto inconsciente, puxou notas do bolso com uma das mãos e pegou no telefone com a outra. — Para o táxi, — disse ele, esquecendo-se que ela estava hospedada no mesmo hotel.

— Porco! — Nua e furiosa, ela atirou-se a ele. Se ele estivesse firme nas suas faculdades, haveria de ter suportado o golpe. Mas a estalada atingira-o, bem como a súbita reacção. Com os ouvidos a zumbir, a face a arder, acabou-se-lhe a paciência.

Cameron limitou-se a enroscar os braços à volta dela, revoltado por ela achar que se tratava de uma investida sexual, carregando-a até à porta. Teve tempo para pegar no vestido e depois atirou a mulher e as respectivas sedas para o corredor.

O guincho dela obrigou-o a cerrar os dentes, ao mesmo tempo que passava a tranca na porta. — Eu mato-te. Seu porco! Seu patife! Hei-de matar-te por isto. Quem é que pensas que és? Não és nada! Nada!

Deixou Martine a gritar e a esmurrar a porta e foi para a casa de banho, arrumar alguns artigos de higiene numa bolsa.

Parecia que a sorte acabava de dar uma terrível reviravolta.

UM



Cam moveu influências, puxou cordelinhos, e atirou dinheiro em todas as direcções. Arranjar transporte do Mónaco para a Costa Leste de Maryland à uma da manhã não era tarefa fácil.

Conduziu até Nice, atravessando a auto-estrada costeira sinuosa até um pequeno aeródromo, onde um amigo concordara em levá-lo de avião para Paris — pela singela quantia de um milhar de dólares americanos. Em Paris, fretou um avião, por metade da quantia já despendida, e passou horas sobre o Atlântico num misto de fadiga e medo corrosivo.

Chegou ao aeroporto de Washington Dulles, na Virgínia, pouco depois das seis da manhã, hora de leste. A empresa de aluguer de automóveis já estava à sua espera, por isso começou logo a viagem para Chesapeake Bay, na fria penumbra que antecede o crepúsculo.

Quando chegou à ponte que atravessa a baía, o Sol já tinha nascido e brilhava, reluzindo na água, alumando os barcos que já andavam na faina às primeiras horas da manhã. Cam passara grande parte da vida a velejar pela baía, nos rios e enseadas desta parte do mundo. O homem que se apressava a ir ver ensinara-lhe muito mais do que apenas a diferença entre bombordo e estibordo.

Tudo o que tinha, tudo o que fizera de que se podia orgulhar, devia-o a Raymond Quinn.

Tinha treze anos e corria na direcção do abismo, quando Ray e Stella Quinn o haviam arrancado das malhas do sistema. O seu registo criminal juvenil já era um caso de estudo acerca das raízes do criminoso profissional.

Roubo, assalto a domicílio, consumo ilegal de álcool, absentismo escolar, agressão, vandalismo, conduta imprópria. Fazia o que queria e, mesmo nessa altura, já beneficiara de grandes períodos de sorte, em que não era apanhado. Mas o seu momento de maior sorte foi um dia ter sido apanhado.

Tinha treze anos, estava magro como uma estaca e ostentava as nódoas negras da última sova que o pai lhe dera. A cerveja tinha acabado. O que é que um pai havia de fazer?

Nessa noite quente de Verão, com o sangue ainda a secar no rosto, Cam prometera que nunca mais voltava para aquela maldita *roulotte*, para aquela vida, para o homem para onde o sistema passava a vida a atirá-lo. Ia para algum lado, qualquer lado. Talvez para a Califórnia, ou para o México.

Os seus sonhos eram grandes, mesmo se a sua visão, cortesia de um olho negro, estivesse toldada. Tinha cinquenta e seis dólares e uns trocos, a roupa que trazia no corpo e uma atitude combativa. O que precisava, decidira, era de transporte.

Apanhou boleia no vagão de um comboio de carga que saía de Baltimore. Não sabia para onde ia, nem queria saber, desde que fosse para longe. Aninhado no escuro, o seu corpo chorando a cada sacudidela, prometera a si mesmo que preferia matar ou morrer, a ter de voltar para casa.

Quando se esgueirou para fora do comboio, cheirava a água e peixe, rogou a Deus para conseguir encontrar comida algures. O seu estômago era um buraco vazio. Tonto e desorientado, começou a caminhar.

Não havia ali muita coisa. Uma cidadezinha pequena, que havia arrumado as ruas para a noite. Barcos batiam nas docas deprimentes. Se conseguisse pensar com clareza, talvez tivesse ponderado a hipótese de assaltar uma das lojas que percorriam a linha de água, mas tal só lhe ocorreu depois de ter atravessado a cidade, dando por si a contornar um pântano.

As sombras e os sons do pântano deram-lhe arrepios. O Sol começava a aparecer a leste no céu, lançando uma tonalidade dourada àqueles terrenos lamacentos e à erva alta e molhada. Um enorme pássaro branco levantou-se, fazendo sobressaltar o coração de Cam. Nunca tinha visto uma garça-real, e pensou que mais parecia algo saído de um livro, daqueles fantásticos.

Mas as asas bateram, e o pássaro levantou voo. Por razões que não conseguia explicar, seguiu-o pelas margens do pântano até desaparecer no meio de árvores possantes.

Não conseguia perceber distâncias nem direcções, mas o instinto dizia-lhe para seguir por uma estreita estrada de campo, onde facilmente se podia esconder debaixo da erva alta ou atrás de uma árvore, caso passasse um carro da polícia.

Ele queria muito encontrar um abrigo, um sítio onde se pudesse aninhar e dormir, esquecer os estertores da fome e as náuseas violentas. À medida que o Sol se elevava, o ar começava a ficar mais pesado, devido ao calor. A camisa colava-se-lhe às costas; os pés começavam a ceder.

Viu primeiro o carro, um *Vette* de um branco lustroso, transbordando potência e graciosidade, estacionado como um grande prémio na luz nebulosa do crepúsculo. A seu lado, estava uma carrinha *pick-up*, enferrujada, carcomida e ridiculamente rural, junto à sofisticação arrogante do carro.

Cam acorrou-se atrás de uma bela hortênsia em flor, a estudá-lo. A desejá-lo.

O filho da mãe haveria de o levar ao México, sem sombra de dúvidas, e onde mais quisesse ir. Merda, uma máquina daquelas ia andar nas horas, de tal forma que ele estaria longe dali antes que alguém percebesse que tinha desaparecido.

Mudou de posição, pestanejando com força para limpar a visão entorpecida, fitando a casa. Ficava sempre espantado ao constatar que as pessoas viviam tão bem. Em casinhas apumadas, com persianas pintadas, flores e sebes aparadas no quintal. Balouços no alpendre, cortinas nas janelas. A casa parecia-lhe enorme, um palácio branco moderno com uma estrutura azul suave.

Deviam ser ricos, decidira, ao sentir que o ressentimento lhe crescia no estômago, aliado da fome. Podiam comprar casas bonitas e carros bonitos e vidas bonitas. E uma parte dele, a parte criada por um homem que se alimentava de ódio e Budweiser, queria destruir, espatifar todas aquelas sebes, partir as janelas luzidias e desfazer a linda madeira pintada em farpas.

De alguma forma, queria magoá-los por terem tudo, enquanto ele não tinha nada. Mas ao levantar-se, a fúria amarga transformou-se numa vertigem de enjoos. Tentou agarrar-se, cerrando os dentes até que, também eles, lhe começaram a doer, mas sentiu a cabeça mais leve.

Os ricos da treta bem podiam dormir, pensou. Só ia aliá-los do jeitoso do carro. Nem sequer estava trancado, reparou e riu-se da ingenuidade deles, ao abrir a porta. Uma das manhas mais úteis que o pai lhe havia ensinado era como fazer ligação directa num carro, rápida e silenciosamente. Uma manha dessas vinha mesmo a calhar, quando um homem ganhava a vida a vender carros roubados a sucateiras.

Matreiro, Cam entrou, deslizando para baixo do volante, para pôr mãos ao trabalho.

— É preciso coragem, para roubar o carro de alguém mesmo à sua porta.

Antes que Cam conseguisse reagir, nem mesmo praguejar, uma mão pegou-lhe pelo fundo das calças de ganga e içou-o para fora do carro. Aos trambolhões, com o punho fechado começou a esmurrar o ar.

Viu pela primeira vez o Poderoso Quinn. O homem era enorme, com quase dois metros de altura e uma constituição que lembrava a linha ofensiva da Cavalaria de Baltimore. O seu rosto apresentava-se fustigado pelos elementos e era largo, com um golpe espesso de cabelo louro que revelava melenas prateadas em seu redor. Os olhos eram de um azul cortante e pareciam irritados.

Depois, ficaram franzidos.

Não foi preciso muito para dominar o rapaz. Não pesava sequer quarenta e cinco quilos, pensava Quinn, como se tivesse pescado o miúdo na baía. Tinha o rosto imundo e muito maltratado. De tão inchado, um olho quase não se percebia, enquanto o outro, de um cinzento ardósia, ostentava a amargura que nenhuma criança devia sentir. Tinha sangue ressequido na boca, que, apesar disso, conseguia esboçar um esgar.

Dentro dele debatiam-se a piedade e a raiva, mas manteve o pulso bem firme. Aquele coelho, sabia, era bem capaz de fugir.

— Parece que te saiu o tiro pela culatra, meu filho.

— Tira a merda das mãos de cima de mim. Não estava a fazer nada de mal.

Ray mal franziu o sobrolho. — Estavas no carro novo da minha mulher, às sete e meia da manhã de um domingo.

— Só andava à procura de uns trocos. Que mal é que uma merda dessas faz?

— Talvez não seja boa ideia habituares-te a usar a palavra

«merda» como adjectivo. És capaz de perder a imensa variedade da sua aplicação.

O tom, que puxava para o paternalismo, deu a volta à cabeça de Cam. — Olha lá, Joãozinho, só queria arranjar um dinheirito em trocos. Nem sequer te ia fazer falta.

— Não, mas a Stella era bem capaz de sentir falta do carro, se tivesses conseguido fazer a ligação directa. E não me chamo Joãozinho. Chamo-me Ray. Agora, a mim parece-me que tens duas opções. Começemos pela primeira: carrego o teu traseiro arrependido até casa e chamo a polícia. O que é que achas de passares os próximos anos numa casa de correcção para espertalhões?

As tonalidades que coloriam a face de Cam desvaneceram-se de vez. O seu estômago vazio contorceu-se, as palmas das mãos começaram a suar subitamente. Não conseguia suportar uma gaiola. — Já disse que não ia roubar a porcaria do carro. É de mudanças manuais. Como raio é que ia conseguir guiar um carro assim?

— Oh, tenho a sensação que não ias ter qualquer problema. — Ray encheu as bochechas de ar, pensativo, para depois o expelir. — Mas a segunda opção...

— Ray! O que é que estás a fazer ao miúdo?

Ray olhou de soslaio para o alpendre, onde estava uma mulher de cabelo ruivo selvagem e roupão azul maltrapilho, as mãos apoiadas nas ancas.

— Só estamos a discutir algumas opções de vida. Ele ia roubar o teu carro.

— Então, por amor de Deus!

— Alguém lhe deu uma tarefa. Diria que é coisa recente.

— Bom. — Ouviu-se com clareza o suspiro de Stella Quinn, do outro lado do relvado coberto de orvalho. — Trá-lo para dentro, que eu dou-lhe uma olhadela. Que raio

de maneira de começar o dia. Que raio. Não, tu volta lá para dentro, cão idiota. Saíste-me uma bela prenda, nem sequer ladras quando me estão a assaltar o carro.

— A minha mulher, Stella. — O sorriso de Ray alargou-se e cintilou. — Ela acaba de te dar a opção número dois. Tens fome?

A voz ecoava na cabeça de Cam. Um cão emitia latidos agudos e encantados, a quilómetros de distância. Pássaros cantavam alegres e demasiado perto dele. A sua pele começou a ficar brutalmente quente, depois brutalmente fria. E começou a cegar.

— Aguenta-te, filho. Já te agarrei.

Caiu na escuridão tenebrosa e não chegou a ouvir a promessa sussurrada de Ray.

Quando acordou, estava deitado num colchão firme, num quarto onde a brisa agitava as cortinas oblíquas e levava um aroma a flores e água. Sentiu-se invadir pelo pânico e pela humilhação. Até quando tentou sentar-se, sentiu que mãos o empurravam para baixo.

— Deixa-te estar deitado um minuto.

Viu o rosto longo e fino da mulher que se debruçava sobre ele, afagando, aconchegando. Podia ver milhares de sardas douradas, que por alguma razão achava fascinantes. Tinha os olhos verde-escuros e franzidos. A boca apresentava-se numa linha fina e séria. Apanhara o cabelo para trás, e cheirava subtilmente a pó-de-arroz.

Cam apercebeu-se abruptamente que o haviam despido e que só tinha os *boxers* esfarrapados. A humilhação e o pânico explodiram.

— Desapareçam-me da frente. — A sua voz saiu num esgar de terror, enfurecido.

— Acalma-te. Vê se descontrais. Sou médica. Olha para

mim. — Stella debruçou-se mais sobre o rosto dele. — Olha para mim agora. Diz-me como te chamas.

O seu coração ribombava no peito. — João.

— Ninguém, imagino, — retorquiu ela secamente. — Bom, já que tens presença de espírito para mentir, é porque não estás assim tão mal. — Acendeu uma luz nos olhos dele, grunhindo. — Diria que tens uma leve concussão. Quantas vezes é que desmaiaste, desde que te bateram?

— Esta foi a primeira. — Sentiu-se corar, dominado pelo olhar fixo que ela lhe lançava, lutando por não se contorcer. — Acho eu. Não tenho a certeza. Tenho de ir.

— Sim, pois tens. Para o hospital.

— Não. — O terror conferiu-lhe a força para agarrar no braço dela, antes que ela se conseguisse endireitar. Se acabasse no hospital, claro que lhe iam fazer perguntas. Com as perguntas, vinha a polícia. Com a polícia, vinham as assistentes sociais. E, de alguma forma, antes que desse por isso, estava de regresso à *roulotte* que tresandava a cerveja rançosa e a urina, com um homem que gostava de descarregar as frustrações num rapaz com metade do tamanho dele.

— Não vou para hospital nenhum. Não vou. Quero a minha roupa. Tenho algum dinheiro. Pago-lhes o incómodo que tiveram. Tenho de ir embora.

Ela voltou a suspirar. — Diz-me o teu nome. O verdadeiro.

— Cam. Cameron.

— Cam, quem é que te fez isto?

— Não...

— Não me mintas, — explodiu ela.

Ele não podia. Sentia um medo demasiado avassalador, e sentia a cabeça a começar a latejar com tanta ferocidade que mal conseguiu impedir o gemido. — O meu pai.

— Porquê?

— Porque gosta de o fazer.

Stella pressionou os dedos de encontro aos olhos, para depois baixar as mãos e olhar pela janela. Conseguia ver a água, azul cor de Verão, as árvores, fartas, cheias de folhas, e o céu, limpo e adorável. E num mundo tão bom, pensava, existiam pais que batiam nos filhos, porque gostavam de o fazer. Porque podiam. Porque existiam.

— Está bem, vamos dar um passo de cada vez. Sentiste tonturas, tiveste a visão toldada. — Cauteloso, Cam acenou.

— Um pouco. Mas há algum tempo que não como.

— O Ray foi lá abaixo tratar disso. Tem mais jeito do que eu para a cozinha. Tens as costelas magoadas, mas nenhuma está partida. O pior são os olhos, — murmurou ela, passando um dedo meigo pelo inchaço. — Podemos tratar disso aqui. Lavamos-te e tratamos de ti, para vermos como recuperas. Sou médica, — voltou a dizer-lhe, sorrindo ao mesmo tempo que a mão, imensamente fresca, lhe afagava o cabelo negro. — Pediatra.

— Isso é um médico de crianças.

— Ainda preenches os requisitos, fortalhaço. Se não me agradar a tua recuperação, vamos tirar umas radiografias. — Procurou um anti-séptico na mala. — Isto vai arder um pouco.

Ele encolheu os ombros, sugando o ar assim que ela lhe começou a tratar da cara. — Porque é que está a fazer isto?

Era mais forte do que ela. Com a mão livre, afastou uma madeixa despenteada do cabelo negro dele. — Porque gosto.

Ficaram com ele. Fora tão simples quanto isso, pensava Cam agora. Ou assim parecera naquela altura. Só passados muitos

anos é que ele percebeu o trabalho, esforço e dinheiro que haviam investido primeiro em acolhê-lo e, depois, a adoptá-lo. Haviam-lhe dado a sua casa, o seu nome e tudo o que valia a pena na vida.

Haviam perdido Stella há quase oito anos para o cancro, que se lançara ao seu corpo, devorando-o sem piedade. Alguma da luz desvanecera-se daquela casa na periferia da pequena cidade costeira de São Cristóvão e, da mesma forma, de Ray, de Cam e dos outros dois rapazes perdidos que haviam perfilhado.

Cam partira para as corridas — de qualquer coisa, em qualquer lugar. Agora, corria para casa, para o único homem que algum dia considerou seu pai.

Já estivera naquele hospital inúmeras vezes. Quando a mãe dele lá trabalhara e, depois, quando lá estivera a fazer o tratamento para o mal que a matara.

Entrava agora, abatido e em pânico, e perguntou na recepção por Raymond Quinn.

— Está nos cuidados intensivos. Reservado a familiares.

— Sou filho dele — Cameron virou costas e dirigiu-se para o elevador. Não precisou que lhe dissessem qual era o andar. Sabia bem de mais.

Viu Phillip assim que as portas se abriram na UCI. — É muito grave?

Phillip deu-lhe um dos dois copos de café que segurava. Tinha o rosto pálido da fadiga, o cabelo fulvo normalmente apumado revoltado pelas suas mãos. O seu rosto longo e algo angélico estava endurecido pela barba por fazer, os olhos, de um castanho dourado pálido, ensombrados pela exaustão.

— Não tinha a certeza se ias chegar a tempo. É grave, Cam. Cristo, tenho de me sentar um bocado.

Entrou na pequena sala de espera e deixou-se cair numa

cadeira. Ouviu o barulho da lata de Coca-Cola que ele trazia no bolso do fato, feito à medida. Por momentos, ficou a fitar o programa da manhã que decorria alegremente no ecrã do televisor.

— O que aconteceu? — Indagou Cam. — Onde é que ele está? O que é que os médicos dizem?

— Vinha de Baltimore a caminho de casa. Pelo menos, o Ethan acha que ele tinha ido a Baltimore. Tratar de alguma coisa. Bateu num poste da companhia dos telefones. Em cheio. — Levou a palma da mão ao peito, por lhe doer sempre que imaginava a cena. — Dizem que talvez tenha sofrido um ataque cardíaco ou uma trombose que o levou a perder o controlo, mas ainda não têm a certeza. Ia a conduzir depressa. Depressa de mais.

Teve de fechar os olhos, por sentir que o estômago insistia em querer saltar-lhe pela boca. — Depressa de mais, — repetiu. — Levaram quase uma hora a desencarcerá-lo dos destroços. Quase uma hora. Os paramédicos disseram que estava sempre a perder a consciência. Foi apenas a alguns quilómetros daqui.

Lembrou-se da Coca-Cola que tinha no bolso, abriu a lata e bebeu. Continuou a tentar bloquear a imagem que tinha na cabeça, para se concentrar no presente, assim como no que aconteceu a seguir. — Contactaram o Ethan com grande rapidez, — prosseguiu Phillip. — Quando ele aqui chegou, o pai já estava na cirurgia. Agora está em coma. — Ergueu o olhar, encontrando os olhos do irmão. — Não esperam que recupere dele.

— Isso são tretas. Ele é forte como um touro.

— Eles disseram... — Phillip voltou a fechar os olhos. Sentia a cabeça vazia, e tinha de procurar todos os seus pensamentos. — Traumatismo grave. Danos cerebrais. Ferimentos

internos. Está com respiração assistida. O cirurgião... ele... o pai é doador de órgãos registado.

— Merda para isso. — A voz de Cam ouvia-se baixa e furiosa.

— Achas que quero pensar nisso? — Phillip levantava-se agora, um homem alto e robusto, num fato de mil dólares amarrotado. — Disseram que é, no máximo, uma questão de horas. As máquinas é que o mantêm a respirar. Raios partam, Cam, sabes que a mãe e o pai falaram sobre isto, quando ela adoeceu. Nada de medidas extremas. Eles fizeram testamentos em vida, e agora vamos ignorar o dele só porque... porque não temos coragem para o cumprir.

— Queres desligar a máquina? — Cam esticou os braços, agarrando Phillip pela lapela do casaco. — Queres desligar-lhe a maldita máquina?

Exausto e de coração partido, Phillip abanou a cabeça. — Preferia cortar uma mão. Quero tanto perdê-lo como tu. É melhor veres com os teus próprios olhos.

Virou-se, guiando-o pelo corredor abaixo, onde o cheiro a desespero não era disfarçado pelos anti-sépticos. Passaram as portas duplas, pelo posto da enfermaria, por pequenos quartos envidraçados, onde máquinas apitavam e a esperança se sustinha em teimosia.

Ethan estava sentado numa cadeira junto à cama quando eles entraram. A sua mão enorme e cheia de calosidades atravessara o resguardo e cobria a de Ray. O seu corpo alto e seco estava debruçado, como se estivesse a falar com o homem inconsciente deitado na cama, a seu lado. Levantou-se devagar e, com os olhos doridos da privação de sono, estudou Cam.

— Então, decidiste honrar-nos com a tua presença. Com pompa e circunstância.

— Vim assim que pude. — Não queria admiti-lo, não

queria acreditar. O homem, aquele homem velho, aterradoramente frágil, deitado na cama estreita, era o seu pai. Ray Quinn era enorme, forte e invencível. Mas o homem com o rosto do seu pai mirrara, pálido e inerte como a morte.

— Pai. — Chegou-se à beira da cama, debruçando-se mais de perto. — Sou o Cam. Estou aqui. — Esperou, quase certo que bastaria aquilo para que os olhos do pai se abrissem, pestanejando astutamente.

Mas não registou qualquer movimento, nem som algum, excepto o apitar monótono das máquinas.

— Quero falar com o médico dele.

— Garcia. — Ethan esfregou as mãos pelo rosto, passando-as pelo cabelo queimado pelo Sol. — O neurocirurgião que a mãe costumava chamar Mãozinhas. A enfermeira manda-lhe uma mensagem para o *pager*.

Cam endireitou-se e, pela primeira vez, reparou no rapaz aninhado a dormir numa cadeira ao canto. — Quem é o miúdo?

— O último dos rapazes perdidos de Ray Quinn. — Ethan esboçou um sorriso vago. Normalmente, teria suavizado a sua expressão séria, aquecendo-lhe os olhos azuis. — Ele falou-te dele. Seth. O pai acolheu-o há cerca de três meses. — Ia dizer mais, mas viu o olhar de sobreaviso de Phillip e encolheu os ombros. — Falamos disso depois.

Phillip permaneceu aos pés da cama, balouçando-se para trás e para a frente, apoiado nos calcanhares. — Como correu em Monte Carlo? — Perante o olhar vazio de Cam, encolheu os ombros. Era um gesto que os três usavam quando lhes faltavam as palavras. — A enfermeira disse que devíamos conversar com ele, entre nós. Que talvez ele possa... Não têm a certeza.

— Correu bem. — Cam sentou-se e imitou Ethan, ao

pegar na mão de Ray, através do resguardo da cama. Como tinha a mão mole e inerte, segurou-a com meiguice e desejou que conseguisse apertar a dele. — Ganhei uma fortuna nos casinos e estava na suite com uma modelo francesa de arrasar, quando recebi o teu faxe. — Mudou de posição, falando directamente para Ray. — Havia de a ter visto. Era incrível. Com pernas até às orelhas, seios lindos, feitos à medida.

— Tinha cara? — Perguntou Ethan, secamente.

— Daquelas que ficam a matar com o corpo. Deixa-me que te diga, era de arrasar. E quando disse que tinha de me ir embora, tornou-se numa cabra. — Apalpou no rosto os arranhões recentes. — Tive de a expulsar para fora do quarto, para o corredor, antes que me fizesse em bocados. Mas depois de a atirar a ela, lembrei-me de lhe atirar o vestido.

— Estava nua? — Indagou Phillip.

— Em pêlo.

Phillip sorriu, para depois soltar a primeira gargalhada em quase vinte e quatro horas. — Céus, está bem entregue. — Pousou a mão sobre o pé de Ray, apreciando a ligação. — Ele vai adorar essa história.

Ao canto, Seth fingia estar a dormir. Ray falara bastante sobre Cameron. Tinha dois blocos de notas grossos, a rebentar pelas costuras de recortes, artigos e fotografias das suas corridas e proezas.

Agora não parecia tão duro e importante, decidiu Seth. O tipo parecia doente e pálido, com os olhos encovados. Já se decidira quanto à ideia que tinha acerca de Cameron Quinn.

Gostava bastante de Ethan. Apesar de o fazer trabalhar até cair para o lado, quando ia com ele apanhar ostras e amêijoas. Não passava o tempo a resmungar, e nunca lhe batera,

nem sequer uma estalada, nem mesmo quando Seth cometia algum erro. E correspondia bem à ideia que Seth, nos seus dez anos, tinha de um marinheiro.

Cabelo emaranhado, queimado do Sol e espesso caía em caracóis com madeixas louras, cobrindo-lhe os músculos castanhos e rijos, salpicados de sal. Sim, Seth gostava bastante dele.

Era indiferente a Phillip. Normalmente, andava sempre todo engomado e polido. Seth imaginava que o tipo devia ter seis milhões de gravatas, apesar de não conseguir perceber porque é que um homem haveria de querer ter uma que fosse. Phillip tinha uma espécie de trabalho chique, num escritório chique em Baltimore. Publicidade. Inventava ideias geniais para vender coisas às pessoas que, provavelmente, nem sequer precisavam delas.

Seth imaginava que era uma forma bastante porreira de trapacear alguém.

Agora, Cam. Era ele quem corria atrás dos flashes, que vivia no limite e corria riscos. Não, não parecia assim tão duro, não parecia ser tão implacável quanto isso.

Em seguida, Cam virou a cabeça, os olhos fixos nos de Seth. Imóveis, sem pestanejar e directos, até Seth sentir o estômago a estremecer. Como manobra de evasão, limitou-se a fechar os olhos e imaginou que estava de regresso a casa, à beira da água, a atirar pauzinhos ao cachorro desajeitado chamado Tolinho.

Sabendo que o rapaz estava acordado e ciente do olhar que lhe lançava, Cam continuou a estudá-lo. Era um miúdo bem-parecido, decidiu, com um molho de cabelo arenoso e um corpo que começava a ficar desengonçado. Se se levantasse, tinha a certeza que era bastante alto, mesmo antes de se ter esticado completamente. Tinha um queixo «não me

chateiem», observava Cam, e a boca amuada. Fingindo que dormia, conseguia passar uma imagem indefesa e quase tão amorosa como um cachorrinho.

Mas os olhos... Cam reconhecia-lhes uma intensidade, uma consciência animal. Já a vira com alguma frequência ao espelho. Não fora capaz de distinguir a cor, mas eram escuros. Azuis ou castanhos, imaginava ele.

— Não devíamos deixar o puto noutro lado qualquer?

Ethan olhou de soslaio. — Está bem aqui. Ninguém o vai deixar ao deus-dará. Sozinho só vai andar à procura de sari-lhos.

Cam encolheu os ombros, desviando o olhar, esquecendo-se dele. — Quero falar com o Garcia. Têm de mostrar os resultados dos exames, ou coisa assim. Ele conduz como um profissional, por isso, se teve um ataque cardíaco ou uma trombose... — A sua voz perdeu-se, era demasiado para conseguir pronunciá-lo. — Temos de saber. Ficar aqui à espera não ajuda em nada.

— Se queres fazer alguma coisa, — disse Ethan, a voz meiga com sinais de irritação reprimida, — vai lá e faz. Estar aqui também conta. — Fitou o irmão, do outro lado do contorno do corpo inconsciente de Ray. — Foi sempre isso que contou.

— Alguns de nós não quiseram apanhar ostras, nem passar a vida a acartar baldes de caranguejos, — ripostou Cam. — Deram-nos uma vida, na esperança que fizéssemos dela o que quiséssemos.

— Tu fizeste o que querias.

— Todos fizemos, — acrescentou Phillip. — Se havia algo de errado com o pai nos últimos meses, Ethan, devias ter-nos contado.

— Como raio é que eu podia saber? — Mas ele soubera de algo, apesar de não conseguir ainda identificar o quê. E

acabara por deixar andar. Isso roía-lhe a consciência agora, enquanto ouvia as máquinas que mantinham o pai a respirar.

— Porque estavas aqui, — disse-lhe Cam.

— Sim, estava cá. E vocês não... há alguns anos.

— E se eu tivesse ficado em S. Cris ele não tinha ido contra o poste telefónico? Cristo. — Cam arrastou as mãos pelo cabelo. — Isso faz cá um sentido.

— Se estivesse por perto. Se um de vocês estivesse, talvez ele não quisesse fazer tantas coisas sozinho. Sempre que eu virava costas, lá estava ele em cima de um escadote, ou a empurrar um carrinho de mão, ou a pintar o barco. E ainda dava aulas três vezes por semana na faculdade, explicações e ajudava em trabalhos de final de curso. Tem quase setenta anos, por amor de Deus.

— Só tem sessenta e sete. — Phillip sentiu um arrepio duro, gelado a trepar por si acima. — E sempre foi saudável como um bando de cavalos.

— Ultimamente, não. Tem vindo a perder peso e parece cansado e desgastado. Viste com os teus próprios olhos.

— Está bem, está bem. — Phillip esfregou as mãos pelo rosto, sentindo a aspereza da barba feita na véspera. — Por isso, talvez devesse ter ido com mais calma. Tomar conta do miúdo talvez tenha sido de mais, mas não havia maneira de o dissuadirmos da ideia.

— Sempre a discutir.

A voz, fraca e pouco clara, obrigou os três homens a dar um salto.

— Pai. — Ethan inclinou-se primeiro para a frente, o coração aos pulos no peito.

— Vou chamar o médico.

— Não. Fica, — murmurou Ray, antes que Phillip conseguisse sair porta fora. Fora um esforço hediondo, aquele re-

torno, nem que fosse por instantes. E Ray compreendia que só tinha alguns momentos. O seu corpo e espírito pareciam já entidades distintas, apesar de conseguir sentir que as suas mãos eram apertadas por outras, de ouvir o som das vozes dos filhos, e o medo e a raiva que transmitiam.

Estava cansado. Oh, Deus, como estava cansado. E queria Stella. Mas antes de partir, tinha ainda uma última obrigação.

— Ouçam. — Cada pálpebra parecia pesar uma tonelada, mas obrigou-se a abrir os olhos, tentando focar a visão. Os seus filhos, pensava, três dádivas maravilhosas do destino. Fizera o melhor que soubera por eles, tentando mostrar-lhes como se tornarem homens. Agora, precisava deles por causa de mais um. Precisava que se mantivessem unidos sem ele, e que cuidassem daquela criança.

— O rapaz. — Até as palavras lhe pesavam. Acabou por vacilar, obrigando-as a fazer o percurso da mente para os lábios. — O rapaz é meu. Agora é vosso. Acolham o rapaz, aconteça o que acontecer, tratem dele. Cam. Vais compreendê-lo melhor. — A mão enorme, outrora tão forte e vital, tentava desesperadamente fazer força. — Dá-me a tua palavra.

— Tomaremos conta dele. — Naquele momento, Cam seria capaz de prometer o resgate da Lua e das estrelas. — Cuidaremos dele até ficares bom outra vez.

— Ethan. — Ray inspirou novamente com força, estremeendo o ventilador. — Tens de ter muita paciência, empenhar o teu coração. Por causa disso és um bom marinheiro.

— Não te preocupes com o Seth. Nós cuidamos dele.

— Phillip.

— Estou aqui. — Aproximou-se, debruçando-se. — Estamos todos aqui.

— És muito inteligente. Vais descobrir uma forma de pôr tudo a funcionar. Não deixes que o miúdo se vá embora.

Vocês são irmãos. Lembrem-se que são irmãos. Tenho muito orgulho de vocês. De todos. Quinns. — Sorriu um pouco, desistindo de lutar. — Agora vão ter de me deixar ir.

— Vou chamar o médico. — Em pânico, Phillip correu para fora do quarto, enquanto Cam e Ethan tentavam fazer com que o pai recuperasse a consciência.

Ninguém reparou no rapaz, que permanecia aninhado na cadeira, os olhos franzidos e fechados com força, para conter o calor das lágrimas.